

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de História**

**A corte de Constantinopla no *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes**

**Kalil Nóbrega Zaidan 14/0024221**

**Monografia de graduação**

**Brasília, junho de 2018**

**Kalil Nóbrega Zaidan**

**A corte de Constantinopla no *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes**

**Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do grau de bacharel em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro.**

**Brasília, junho de 2018**

**Kalil Nóbrega Zaidan**

**A corte de Constantinopla no *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de  
Moraes**

**Banca examinadora:**

---

**Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro (orientadora/presidente)**

---

**Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Filomena Pinto Coelho (Departamento de História – IH)**

---

**Prof. M<sup>º</sup> Daniel Fernandes (Departamento de Artes Visuais - IdA)**

**Brasília, 29 de junho de 2018**

## **Agradecimentos**

A meus pais, que possibilitaram toda a minha trajetória de vida até este ponto. À professora Maria Eurydice, que aceitou me orientar neste tema pouco recorrente. Aos membros da banca examinadora, que gentilmente aceitaram o convite. Aos meus amigos que me deram forças para aliviar meus momentos de nervosismo e ansiedade.

*It is not down in any map; true places never are.*

Herman Melville

*Vino un caballero muy principal para su casa y hallo su mujer, hijas y criadas  
llorando; sobresaltose y preguntoles muy congojado si algún hijo o deudo se les había  
muerto. Respondieran ahogadas en lágrimas que no. Replicó más confuso:*

*- Pues, por qué lloráis?*

*Dijéronle:*

*- Señor, hase muerto Amadís!*

Alonso López Pinciano

*O mito é o nada que é tudo.*

Fernando Pessoa

## RESUMO

O tema deste trabalho está centrado na análise da representação do espaço da cidade de Constantinopla e de sua corte no romance de cavalaria quinhentista *Palmeirim de Inglaterra*, escrito pelo diplomata português Francisco de Moraes. Considerando o contexto conflituoso da expansão turca pelo Mediterrâneo entre os séculos XV e XVI, os romances de cavalaria eram peça vital para a reativação dos ideais cavaleirescos, como forma de manter vivo o espírito guerreiro e a resistência contra os inimigos estrangeiros. A partir da análise da simbologia que envolve Constantinopla no romance, principalmente nos capítulos de apresentação da cidade no início da trama e naqueles que tratam da grande batalha em sua defesa ao final, veremos como a recriação literária da cidade está calcada na situação política de então.

**Palavras-chave:** romance de cavalaria; corte de Constantinopla; *Palmeirim de Inglaterra*.

## ABSTRACT

This paper is focused on the analysis of the representation of the city of Constantinople and its court on the chivalric romance *Palmeirin of England*, written by the Portuguese diplomat Francisco de Moraes in the sixteenth century. Considering the conflictual context with regards to the Turkish expansion throughout the Mediterranean between the fifteenth and sixteenth centuries, the chivalric romances were a vital piece for the restoration of the chivalric ideals, as a way of reviving the warrior spirit and resistance against the foreign enemies. Based on the analysis of the symbology that surrounds Constantinople on the novel, mainly in the early chapters, where the reader is introduced to the city, and in the final ones, where the ultimate battle for its defense occurs, we will explore how the literary recreation of the city is established on the political situation of its time.

**Key-words:** chivalric romance; Constantinople's court; *Palmeirin of Enland*.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>1. Os romances de cavalaria em seu tempo</b>	
1.1. As origens de uma “literatura”.....	12
1.2. Da razão de ser dos romances de cavalaria.....	14
<b>2. A corte de Constantinopla e o <i>Palmeirim de Inglaterra</i></b>	
2.1 A trama.....	18
2.2 Um histórico do motivo da corte de Constantinopla.....	20
2.3 A corte de Constantinopla no <i>Palmeirim de Inglaterra</i>	
2.3.1. Uma corte cavaleiresca.....	23
2.3.2. O bastião da cristandade.....	26
<b>Considerações finais.....</b>	<b>30</b>
<b>Fonte primária e bibliografia.....</b>	<b>32</b>

## Introdução

A cavalaria e os seus ideais constituem um aspecto cultural muito conhecido que integra o imaginário mundial acerca daquilo que foi a Europa Ocidental na Idade Média, muito embora a visão mais consagrada do período tenha se inspirado apenas no que se estabelece que sejam os séculos finais dessa época.

O simbolismo ao redor dessa instituição já deixou há muito as fronteiras da Europa e está presente, inclusive, em diversos meios da cultura de massa e da indústria cultural, na literatura e no cinema principalmente, consumidos pelo mundo inteiro.

Já à época, a produção artística referente à cavalaria (romances, canções, pinturas) era bem-sucedida e integrava fortemente o imaginário popular, como se constata na ampla variedade de histórias de cavalaria que emergiram na metade final do período medieval, da qual eram parte os extensos ciclos de romances que possuíam diversas continuações e uma circulação muito significativa no continente.

Os ciclos de histórias de cavalaria são uma parte bastante relevante da cultura europeia do fim da Baixa Idade Média, principalmente a partir do século XII, no qual a chamada “matéria da Bretanha” é transposta para o formato de prosa, dando início ao tema arturiano nesse tipo de linguagem, quando antes era apenas escrito em versos.

A popularidade dessas narrativas é inegável, os títulos reproduziam-se rapidamente e as continuações desses romances surgiam em diferentes partes da Europa, traduzidas e impressas em vários países. O livro objeto do estudo deste trabalho, *Palmeirim de Inglaterra*, é parte de um desses ciclos, o Ciclo dos Palmeirins, iniciado em 1511 com *Palmerín de Olivia*, de autoria castelhana.<sup>1</sup>

*Palmeirim de Inglaterra* (*Livro do Muito Esforçado Cavalleiro Palmeirim Dinglaterra ho qval Trata das svas Grandes Cavallarias e das do Iffante Floriano do Deserto sev Hirmã*, uma das grafias de seu título original) é um romance de cavalaria português do século XVI, escrito por Francisco de Moraes (1500?-1572). Sua edição mais antiga conhecida, até recentemente, em língua portuguesa é a de Évora, impressa

---

<sup>1</sup> MONGELLI, Lênia Márcia; FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia; MAUÉS, Francisco. O Ciclo dos Palmeirins. In: MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. Cotia: Ateliê Editorial; Editora da Unicamp, 2016, p. 9.



em 1567, e existe outra de 1592, impressa em Lisboa; essas eram as únicas versões quinhentistas conhecidas em português até então. A mais antiga edição era uma em castelhano, datada de 1547, fato que, por muitos anos, fomentou pesquisas e discussões acerca da verdadeira origem da obra, se portuguesa ou espanhola. Por meio de estudos acerca da biografia do autor em entrelaçamento com o próprio romance, comprovou-se a autoria de Moraes já no início do século XX.<sup>2</sup>

Encerrada a querela, fez-se necessário ainda mais buscar uma edição anterior à de 1547, de forma a corroborar com a origem portuguesa. Foi encontrado, finalmente, um exemplar do que se acredita ser a primeira edição, na Biblioteca Cigarral Del Carmen, em Toledo, que foi impressa em Paris em 1544.

Esse único exemplar português do ciclo foi um dos mais relevantes e célebres romances de cavalaria de seu tempo. Dividido em duas partes e em 172 capítulos curtos, o enredo narra as vidas e as aventuras dos irmãos gêmeos, Palmeirim e Floriano, filhos de Dom Duardos e Flérída, casal que remonta sua linhagem, respectivamente, ao rei da Inglaterra e ao imperador de Constantinopla. A segunda parte trata da batalha contra as forças turcas em defesa da cristandade, em meio a encontros com senhoras, gigantes e outros companheiros que lhes surgem pela jornada.

O romance é inclusive mencionado no capítulo VI da primeira parte de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, como um dos livros mais exemplares do gênero de cavalaria, tendo sido salvo da destruição da biblioteca do personagem:

E, abrindo outro livro, viu que era *Palmerín de Olívia*, e junto a ele estava outro que se chamava *Palmeirim da Inglaterra*. O padre olhou-os e disse:

- Dessa oliveira se faça logo lenha e se queime, e que não sobrem nem as cinzas; e se guarde e se conserve essa palmeirinha da Inglaterra como coisa única. Para isso se faça outra arca como aquela que Alexandre achou nos despojos de Dario e usou para guardar as obras do poeta Homero. Este livro, meu amigo, tem autoridade por dois motivos: um, porque é muito bom por si mesmo; outro, porque se sabe que foi composto por um arguto rei de Portugal.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Ver os estudos de Odorico Mendes (*Opúsculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor*) e de William Edward Purser (*Palmerin of England. Some remarks on this romance and on the controversy concerning its authorship*);

<sup>3</sup> SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 98.

É fato que a arte literária jamais se produziu de maneira alheia ao ambiente e à época que rodeiam o seu criador; mesmo que deva ser levado em consideração o caráter por demais criativo e inovador intrínseco a cada artista, as obras literárias são repletas de historicidades e de características de seu tempo e lugar.

Como se sabe, a literatura se faz valer dos fatos concretos e do imaginário de sua realidade para se moldar, muito embora não deva ser entendida como o completo “espelhamento literal” do todo global. Mesmo que se afirme o suposto desprendimento da realidade que normalmente esses romances trazem, com seres mitológicos, situações imaginárias de um ou mais locais que não existem, a própria herança da forma *mettre en roman*<sup>4</sup>, que originou tais livros, é um produto do tempo em que essas narrativas se inserem.<sup>5</sup>

Considerando essa forma de narrativa criativa e histórica como uma parte importante da expressão da cultura e do imaginário de um povo, e como o fruto de situações reais, até mesmo biográficas, como no caso de Moraes, que insere alguns episódios de sua vida em passagens do *Palmeirim*<sup>6</sup>, e crendo que esse tipo de fonte, como afirma Le Goff, tem de fato base na vida de uma sociedade e é, sim, uma fonte para a história, o estudo de um romance tão célebre, especialmente à época, está calcado na vontade de compreender como se deu a transposição de significados do cotidiano e do global para uma obra literária e de que forma esses significados podem ser múltiplos, sobrepostos.<sup>7</sup>

A renovação da cavalaria por meio da literatura, tema que será abordado no tópico seguinte deste trabalho, como forma de “inspiração” para os guerreiros para os ideais militaristas de combate aos muçulmanos é uma característica que, com a expansão turca no Oriente próximo, pode ser interpretada a partir do *Palmeirim de Inglaterra*, bem com em outros romances de cavalaria cujo tema oriental é central no decorrer da narrativa.

---

<sup>4</sup> ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 266;

<sup>5</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. Introdução. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *E fizeram taes maravilhas... - Histórias de cavaleiros e cavalarias*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012, pp. 18-23;

<sup>6</sup> MONGELLI, Lênia Márcia; FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia; MAUÉS, Francisco. Informações biográficas. In: MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. Cotia: Ateliê Editorial; Editora da Unicamp, 2016;

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Editorial Estampa, 1994, p. 12-13.

Essa localidade oriental (representada pela cidade de Constantinopla em quase todos) se mostra como um bastião da cultural ocidental, sendo a cavalaria um aspecto central na vida daquela cidade. Portanto, este trabalho se centrará no estudo da significação dos espaços bizantinos na obra, principalmente ao início do romance, quando nos é apresentada a cidade, e ao final, em meio à derradeira batalha dos cristãos contra o exército muçulmano.

Aqui procurarei analisar de que forma se deu a recriação de uma Constantinopla particularmente ocidental, unida religiosamente ao Ocidente, além de como ela estabelece uma relação ideológica com o receio real da expansão turca no Oriente e com a busca pela revitalização dos ideais da cavalaria com fins tanto militaristas quanto idealizados. Qual poderia ser o sentido da construção literária de uma Constantinopla ocidentalizada nesse contexto contemporâneo de dominação da cidade pelos turcos, no século XVI, será outro aspecto a ser abordado.

A edição mais recente do *Palmeirim* é de 2016, publicada pela Ateliê Editorial em parceria com a Editora da Unicamp, e será a versão do texto utilizada para esta pesquisa. Ela contém um vasto material de referência bibliográfica, introdução, ilustrações (feitas para a edição), reproduções de alguns manuscritos e biografia do autor. Seu texto baseia-se na edição de 1567, que se encontra na Biblioteca da Ajuda, visto que é a versão mais utilizada para as reedições posteriores. No entanto, devido à precariedade do manuscrito em certas partes, outras edições foram utilizadas para o estabelecimento do texto.

No que tange à linguagem, a edição traz um detalhado texto sobre as opções que foram feitas para manter ou mudar a ortografia de alguns vocábulos ou a concordância verbal, respeitando o estágio de evolução da língua portuguesa no século XVI. Reconhece-se que a referida edição consiste numa versão mais acessível do texto da obra, contudo, criticamente elaborada. Nas citações, eventuais palavras desconhecidas estarão discriminadas nas notas de rodapé.

Para o desenvolvimento do trabalho, a leitura do romance se centrou na edição de 2016, visto que nela o estabelecimento do texto está completo e uniformizado criteriosamente, e esta contém notas que informam sobre divergências léxicas entre manuscritos. O uso dessa versão se dá tendo em vista que o trabalho não se pautará por um estudo linguístico, nem pelo estudo de versões dos manuscritos, da obra.

## 1. Os romances de cavalaria em seu tempo

### 1.1. As origens de uma “literatura”

Antes de adentrar as origens históricas desse tipo textual, é necessário compreender, em linhas gerais, em que consiste a “literatura” medieval e o porquê do uso de aspas. Muito diferente da literatura necessariamente escrita que marca os nossos tempos, as narrativas medievais não somente se originam na oralidade, mas têm nela a sua base e a sua referência legitimadora, já que unicamente por meio da voz os textos eram de fato socializados durante a Alta Idade Média, dado que os iletrados eram a maior parte da população.<sup>8</sup>

É evidente que, em escritos mais longos de prosa, como os romances de cavalaria e suas centenas de páginas, as relações entre letra e voz se apresentam de modos mais complexos do que nas canções de gesta e sua musicalidade, por exemplo. Segundo Zumthor, a forma romance surgiu por volta de 1160-70 e tinha como veículo principal de transmissão de seu conteúdo a leitura (em grande parte coletiva).

Os “níveis de oralidade” de uma obra eram determinados pelo valor que o autor atribuía ao ato da escrita. Em relação ao romance, a capacidade de abstração aumenta consideravelmente, já que permite a maior elaboração de ideias por conta de seu tamanho, mas ainda retêm-se marcas de oralidade bastante evidentes ao longo do texto, seja por meio da repetição de nomes e alcunhas de personagens, seja por inserção de ditados populares na narrativa.<sup>9</sup>

A importância da oralidade não se perde imediatamente com a ascensão do romance e das narrativas mais longas, mesmo após a invenção da imprensa, no entanto a leitura silenciosa e atenta, especula-se, permitiu a maior conexão entre público e personagens, o que explicaria o grande frenesi por essas histórias naquele período<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 21;

<sup>9</sup> Ibidem pp. 267-268;

<sup>10</sup> MONGELLI, Lênia Márcia; FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia; MAUÉS, Francisco. Introdução. In: MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. Cotia: Ateliê Editorial; Editora da Unicamp, 2016, p. 27.

É essencial, por consequência, ter em mente, ao longo deste trabalho, a complexidade das características intrínsecas ao termo “literatura”, constatando a flexibilidade de seu uso para o contexto da Europa medieval.

O que chamaríamos de tradição literária dos romances de cavalaria atinge seu ponto máximo durante os séculos XV e XVI, tendo o advento da invenção de Gutenberg impulsionado a sua ampla divulgação e difusão na Europa. Sua forma, por outro lado, foi construída a partir do início da expressão literária em língua vernácula, derivada do latim vulgar, entre os séculos XI e XIII, distanciando-se da predominância que se via de conteúdos exclusivamente teológicos e catequéticos.

Mais notadamente, a canção de gesta francesa consistiu em um dos tipos textuais em língua romance mais populares, tendo despontado com força por volta dos anos 1100. De caráter épico e histórico, as canções de gesta têm como grandes temas a narração de feitos heroicos e glórias do passado, principalmente sobre o período merovíngio e carolíngio.<sup>11</sup>

Apesar dessa inspiração histórica, salienta-se que os escritos medievais não tratavam a fidelidade histórico-factual como nós a compreendemos hoje; há uma mescla entre fatos e lendas da cultura oral popular que se imiscuem às narrativas de forma bastante orgânica, dada a presença muito forte da oralidade para a construção das narrativas desse período.

O mais célebre desses textos é, sem dúvida, *A canção de Rolando*, de temática carolíngia por natureza, já que narra o embate dos companheiros de Carlos Magno contra o exército sarraceno depois da traição de Ganelão, sogro de Rolando. Apesar de, à primeira vista, aparentar possuir um mote que se assemelha a uma cruzada (entenda-se: cristãos contra muçulmanos), como aquilo que se encontrará nos romances de cavalaria mais tardios, incluído o *Palmeirim de Inglaterra*, na verdade, segundo Auerbach, o texto está longe disso, vistas as boas relações que Carlos Magno mantinha com príncipes muçulmanos.<sup>12</sup>

Em contrapartida, os temas se apresentam de outra forma no desenvolvimento das narrativas da Península Ibérica, especialmente em Castela, onde a temática acerca da luta contra os muçulmanos era de fato predominante no cotidiano daquelas

---

<sup>11</sup> AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 171;

<sup>12</sup> *Ibidem* p. 173.

populações, sendo a primeira grande obra do período o *El cantar del mio Cid* (c. 1140), que apresenta uma atmosfera histórica e politicamente bem mais definida que as canções de gesta francesas, apesar das influências destas sobre a forma versificada do conto castelhano.<sup>13</sup>

A literatura portuguesa medieval desenvolveu-se muito influenciada pela castelhana até o século XV, a partir de quando obteve contornos próprios<sup>14</sup>, culminando na ampla produção de títulos de cavalaria durante o XVI, foco deste trabalho, da qual, em 1522, *Crónica do Imperador Clarimundo donde os reis de Portugal descendem*, de João de Barros, é o primeiro expoente de um tipo literário que fomentará interesses até começos do século XVIII.<sup>15</sup>

O gênero de livros de cavalaria, originário por excelência da Península Ibérica, foi amplamente influenciado pela célebre matéria da Bretanha. Situadas em um período de efervescência linguística, de descobertas de territórios e de avanços na difusão de textos escritos, essas histórias eram parte intrínseca de sua realidade histórica.<sup>16</sup>

Apesar do grande sucesso dessas obras, com títulos possuindo mais de vinte edições, é notável também o desprezo que esse gênero recebia já no século XVI, fato que se percebe por meio das recorrentes lacunas que permeiam o nosso conhecimento sobre esses livros; seja pelo desconhecimento total acerca da biografia de certos autores, seja pela falta de manuscritos de primeira edição de várias obras, dentre elas o do *Palmeirim de Inglaterra* (como já visto na introdução). Díaz-Toledo ressalta tanto a péssima reputação de romances cavaleirescos por parte de humanistas e eclesiásticos contemporâneos, quanto as incertezas sobre o estado da literatura de cavalaria em meio à literatura portuguesa do Renascimento, dada a falta de estudos acadêmicos nesse sentido.<sup>17</sup>

## 1.2. Da razão de ser dos romances de cavalaria

---

<sup>13</sup> AUERBACH, Erich. Op. cit., p. 217-218;

<sup>14</sup> Ibidem pp. 224-225;

<sup>15</sup> VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurélio. *Os livros de cavalarias renascentistas nas histórias da literatura portuguesa*. Península - Revista de Estudos Ibéricos, n.º 3, 2006, p. 233;

<sup>16</sup> ALPALHÃO, Margarida. *O Amor nos Livros de Cavalarias – O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: Edição e Estudo*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008, pp. 10-12;

<sup>17</sup> VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurélio. *Literatura cavaleiresca portuguesa: estado da questão*. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *E fizeram taes maravilhas... - Histórias de cavaleiros e cavalarias*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012, p. 151.

Ao contrário, portanto, das opiniões correntes de grande parte da classe eclesial e dos humanistas, a literatura de cavalaria revela ser muito mais do que histórias inventadas puramente para a distração dos leitores medievais. Por conta, talvez, do avanço e do desenvolvimento das ciências, que marcam a Renascença europeia, essas narrativas fantásticas, cheias de seres fictícios e proporções épicas, aparentam aos olhos, tanto nossos como de alguns de seus contemporâneos, ser fantasia e fingimento; apesar de seu sucesso, alguns livros eram criticados por conta de seu conteúdo aparentemente amoral, que desviaria os jovens da realidade e de seus deveres.<sup>18</sup>

Tal leitura limitada na virada da Modernidade não era, evidentemente, unanimidade e tem seus reflexos até o presente, em relação ao modo como a historiografia tradicional por muito tempo encarou não apenas os livros cavaleirescos, mas a literatura de forma geral, como fontes não legítimas para a compreensão do passado, fato que felizmente vem mudando.

Os livros de cavalaria não eram mera ficção sem propósito, como tinham consciência muitos dos contemporâneos aos romances e o autor do *Palmeirim de Inglaterra*, que, na dedicatória do romance, assim escreve: “[...] cousa que alguns houveram por erro, afirmando que histórias vãs não hão de ter seu assento tão alto, fazendo da menor culpa maior inconveniente, não tendo respeito que às vezes escrituras de leve fundamento têm palavras, costumes e feitos de que nasce algum fruto.”<sup>19</sup>

Para ser possível compreender a importância para os medievais dessa forma de expressão, que ainda fazia sentido para as pessoas dos 1500 (e, obviamente, de muito antes) e até de muito posteriormente aos marcos temporais da Idade Moderna, faz-se necessário ter em mente as diversas funções da arte na Idade Média, âmbito de atividade que, de acordo com Auerbach: “desempenha [...] papel de muito maior importância que nas outras épocas da história europeia.”<sup>20</sup>

Em particular, o romance de cavalaria era visto não como fabulação completamente ficcional, e sim como possuidor de caráter histórico, factual; na verdade, era assaz tênue a fronteira que delineava os gêneros literários medievais<sup>21</sup>, e os próprios

---

<sup>18</sup> VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurélio. *Os livros de cavalarias renascentistas nas histórias da literatura portuguesa*. Península - Revista de Estudos Ibéricos, 2006, n.º 3, p. 234;

<sup>19</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 78;

<sup>20</sup> AUERBACH, Erich. Op. cit., p. 166;

<sup>21</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. Introdução. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *E fizeram taes maravilhas... - Histórias de cavaleiros e cavalarias*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012, p. 24.

autores referiam-se às suas obras como crônicas, das quais eles geralmente são os tradutores, contribuindo para a construção de um imaginário que reconstruía, em tese, a história de feitos passados verdadeiros. Vê-se isto claramente, mais uma vez, na dedicatória do *Palmeirim*: “[...] achei algumas memórias de nações estranhas e, antre<sup>22</sup> elas, a crônica de Palmeirim de Inglaterra, filho de D. Duardos, tão gastada da antiguidade de seu nascimento, que com assaz trabalho a pude ler.”<sup>23</sup>

O público que consumia essa literatura, antes do advento da imprensa, era majoritariamente a elite nobiliárquica, letrada ou que frequentasse a corte para escutar as narrativas, característica que se constata pelas dedicatórias desses romances, evidenciando tanto a busca pelas mercês reais quanto esse ambiente cortesão em que os textos eram apreciados. Os monarcas inclusive eram, em maior ou menor medida, centrais para a produção de diversas obras do gênero, patrocinando e mesmo possuindo cópias de exemplares de várias das obras mais célebres. O próprio *Palmeirim de Inglaterra* é dedicado à infanta Dona Maria, filha do rei D. Manuel. Entretanto não se restringiram aos círculos mais elevados da sociedade, a partir da difusão dos meios de impressão mais baratos, por volta de meados do século XV, espalharam-se pela Europa tais romances, ampliando ainda mais o alcance social de seus temas.<sup>24</sup>

Os grandes cavaleiros protagonistas desses livros representavam realmente modelos de conduta cortesã, e inspiravam socialmente os leitores de sua época, principalmente os jovens nobres que aspiravam ao *status* de cavaleiro, devendo eles próprios adotar posturas de cavaleiros errantes em busca da glória militar, muito próximo àquilo que se lê nas histórias.<sup>25</sup> De modo semelhante, as descrições de lugares nas narrativas inspiravam os espaços físicos de convívio da corte e da nobreza, tanto em termos de decoração de ambientes como nas várias atividades sociais e comemorativas, torneios e festas.<sup>26</sup> Essa importância real das narrativas de cavalaria no período medieval não se restringe aos comportamentos e condutas sociais da nobreza, mas toma escalas muito maiores, em termos de políticas religiosas e militares do período.

---

<sup>22</sup> Entre;

<sup>23</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., pp. 78;

<sup>24</sup> MONGELLI, Lênia Márcia; FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia; MAUÉS, Francisco. *Introdução – Pela fé, pelo império, por amor*. In: MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. Cotia: Ateliê Editorial; Editora da Unicamp, 2016, p. 27;

<sup>25</sup> DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, pp. 96-98;

<sup>26</sup> MONGELLI, Lênia Márcia; FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia; MAUÉS, Francisco. *Introdução*. In: MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 29.



O *Palmeirim* se insere num contexto temporal de declínio da cavalaria enquanto instituição, quando, na metade inicial do século XVI, a atividade de seus membros tornava-se mais ligada ao cumprimento de serviços militares, em troca de comendas e mercês, e menos idealizada. O período também fora marcado por uma crescente necessidade de fomento das campanhas militares fora do terreno europeu.<sup>27</sup>

Nesse sentido, Fernanda Olival relaciona a intensa produção literária de romances de cavalaria a esse sistema de mercês e contratos militares, que principalmente concentravam suas incursões no Norte da África, local de tensão endêmica à época; além de também se mostrar uma preocupação a expansão dos turcos no mediterrâneo. A promoção dos ideais da cavalaria e do que deveria ser um cavaleiro demonstrou-se, portanto, um tema bastante popular e recorrente na criação literária do XVI, estendendo-se igualmente ao XVII. De acordo com a autora: “Mesmo sendo histórias inventadas, contribuíram para reforçar o *ethos* guerreiro, os serviços militares em geral e a cavalaria, num contexto em que havia paz no Reino, mas grandes necessidades de defesa nas ‘conquistas’ [...]”<sup>28</sup>

Esses personagens, que funcionavam justamente como personalidades modelares, se assomavam às pretensões de renascimento da cavalaria como instituição de prestígio e funcional. Considerando que esses romances se situavam em uma época na história da Europa de expansão territorial e conquista de povos antes desconhecidos, é compreensível a importância de cultuar um ideal de heroísmo, e o personagem do cavaleiro errante, que percorre os rincões longínquos da terra combatendo seres fantásticos e perigos vários, estava no centro dessa literatura.

Como se discutirá mais à frente sob a luz do texto de Moraes, os elementos que compõem o *Palmeirim de Inglaterra*, em especial, para este trabalho, a corte de Constantinopla e todo o arco final de embate contra os “turcos”, estão situados numa realidade histórica em que tais práticas guerreiras eram consideradas fundamentais para os interesses das nações europeias em expansão.

---

<sup>27</sup> OLIVAL, Fernanda. *Honra, cavalaria e ordens (Portugal, séculos XVI – XVII): dos romances de cavalaria às práticas e das práticas aos textos*. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *E fizeram taes maravilhas... - Histórias de cavaleiros e cavalarias*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012, pp. 188- 189;

<sup>28</sup> *Ibidem* p. 192.

## 2. A corte de Constantinopla e o *Palmeirim de Inglaterra*

### 2.1 A trama

É oportuno, antes de adentrar a discussão acerca das temáticas principais do trabalho com relação à trama do romance e de modo a facilitar o desenvolvimento dos argumentos, fazer uma resumida apresentação do conteúdo essencial do enredo e de seus personagens, de forma a tornar as referências a ambos muito menos truncadas e demasiado explicativas ao longo do texto.

A narrativa se inicia a partir de uma cena em que os pais de Palmeirim e de seu irmão gêmeo Floriano do Deserto, D. Duardos (filho do Rei de Inglaterra) e Flérída (filha de Palmeirim de Oliva, o imperador de Constantinopla, que está grávida dos gêmeos) estão a passear por uma floresta próxima à corte londrina, até que D. Duardos, tendo saído para caçar, é raptado pelo gigante Dramusiando, que, juntamente a sua tia Eutropa, manterão o príncipe em cativeiro até o fim da primeira parte, como vingança pelo pai de Dramusiando (que fora morto pelo atual imperador bizantino no romance inaugurador do ciclo, *Palmeirín de Oliva*, de 1511), até ser libertado por um grupo de cavaleiros.

Flérída, sem saber do paradeiro de seu marido, entra em trabalho de parto no meio do bosque e dá à luz os dois heróis do romance; entretanto, os dois bebês lhe são roubados por um selvagem que mora nos arredores. Os dois meninos, então, serão criados pelo *salvaje* e sua esposa, sem saber de sua origem nobre, até que são separados quando um cavaleiro inglês leva Floriano de volta à corte inglesa por tê-lo achado muito parecido ao príncipe raptado, D. Duardos; e um capitão de um navio que aportara próximo à cova onde moravam os meninos decide levar Palmeirim para Constantinopla.

A grande questão a resolver na primeira parte do romance é a libertação de D. Duardos de seu cativeiro, missão para a qual prestam-se grandes príncipes e cavaleiros, até mesmo o filho do Imperador Palmeirim de Oliva, Primaleão (também protagonista de seu próprio romance, *Primaleón*, de 1512). Ao mesmo tempo, Palmeirim de

Inglaterra e seu irmão Floriano do Deserto desenvolvem-se como cavaleiros em cortes reais diferentes.

Como era comum a esse tipo de literatura, o livro é composto, *grosso modo*, por inúmeros episódios repletos de aventuras, alguns deles muito famosos por si próprios, em que os protagonistas encontram figuras misteriosas, apaixonam-se, enfrentam monstros e perambulam por vários locais célebres e fantásticos, enquanto desenvolvem seu caráter como guerreiros dignos do título de cavaleiros.

O romance é, igualmente, permeado por incidentes envolvendo a presença dos muçulmanos e seus planos para invadir o Ocidente, até finalmente, nos capítulos finais, a grande batalha épica entre cristandade e islã se dar em frente aos portões de Constantinopla.

Durante a batalha, todos os heróis e donzelas que apareceram anteriormente reúnem-se na cidade para esse último acontecimento catártico, em que o imperador perece (pois já era muito idoso) e os cristãos finalmente obtêm a vitória contra o líder dos muçulmanos, Albaizar, após um confronto narrado de forma extremamente vívida e impressionante.



A cidade de Constantinopla no século XVI, sob domínio otomano.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Julian M. Stargardt, LL.B., F.R.G.S.; 1572 *Byzantium Nunc Constantinopolis* – Georg Braun (1541-1622) e Frans Hogenberg (1535-90). Disponível em: <https://www.raremaps.com/gallery/detail/53298/byzantium-nunc-constantinopolis-braun-hogenberg>, acesso em maio de 2018;

## 2.2 Um histórico do motivo da corte de Constantinopla

O imaginário medieval ao redor da cidade de Constantinopla é vasto e permite diversas interpretações e leituras a depender do período sobre o qual se debruça. Ao mesmo tempo oriental e distante, a cidade, e o império do qual é chefe, é igualmente romana e cristã, moldando para si um caráter único em termos de espaço imaginado na literatura.

Na história da literatura de cavalaria, desde as canções de gesta até os ciclos de romances ibéricos, a temática bizantina e o *topos* de Constantinopla têm uma longa e cambiante trajetória, que acompanhava as mudanças geopolíticas e estilísticas do período medieval.<sup>30</sup>

A investigação acerca do histórico do motivo da corte de Constantinopla, que é como Luciana Picchio denomina a temática que envolve a cidade nos romances de cavalaria, é muito relevante para que se possa, em seguida, compreender em que estado se encontram o *Palmeirim* de Moraes e o seu tema bizantino, sendo capaz, assim, de acessar o pano de fundo cultural e ideológico por trás da concepção (e da continuação do uso) de tal espaço fantástico no romance.

A formação de um *topos* literário é permeada por influências históricas somadas a elementos culturais fantasiosos, delineando, de tal forma, características únicas para um local que pode existir ou não, e criando uma imagem em torno desse lugar que se perpetua em diversos meios, orais e escritos.<sup>31</sup> A Constantinopla que os romances de cavalaria ibéricos herdaram e exploraram possui contornos muito próprios, que se expressam nas narrativas bem fielmente ao imaginário corrente ou de forma singular e modificada, ainda que completamente fruto de sua imagem tradicional.

A narrativa mais típica em relação à cidade, perpetuada entre os séculos XIII e XVI, é a de uma metrópole imponente como nenhuma outra no mundo conhecido, mas que atualmente se encontra em perigo por conta dos inimigos turcos à sua porta. A defesa da cidade é encabeçada por um cavaleiro ocidental (o protagonista) que, após

---

<sup>30</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. *Proto-história dos Palmeirins: A corte de Constantinopla do Cligès ao Palmeirín de Olivia*. In: *A lição do texto. Filologia e literatura – Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 171;

<sup>31</sup> *Ibidem* p. 172.

derrotar os adversários, recebe do velho imperador sem filhos o trono do império, desposando igualmente a filha do governante para obter legitimidade.<sup>32</sup> Na próxima parte deste trabalho se explorará como esses modelos tradicionais de história são abordados ou mudados no *Palmeirim de Inglaterra*.

Alguns dos aspectos mais evidentes da evolução temática, e também estilística, das narrativas cavaleirescas são a oposição entre Oriente e Ocidente (entenda-se: Bizâncio e Roma) e a submissão do segundo frente ao primeiro presentes nessas obras. Anteriormente à conquista otomana, era bem clara a diferença que se estabelecia entre ambos, personificada literariamente por seus personagens: o cavaleiro ocidental que vem ao resgate do governante oriental em apuros.

O ambiente bizantino se mostrava, apesar do exposto acima, extremamente sedutor para os nobres europeus, que inclusive “solicitavam a honra de receber as insígnias da cavalaria das mãos do *basiléus* de Constantinopla.”<sup>33</sup> No entanto, apesar da exaltação de Constantinopla em diversos níveis, a superioridade político-religiosa da cultura ocidental é sempre ressaltada pelos autores nesse aspecto de cruzada, em que o Ocidente vem ao resgate do Oriente, seja por meio de comentários afiados sobre a cultura dos haréns no *Cligès*, seja pela vassalagem que o imperador bizantino presta ao imperador do Ocidente, na carolíngia *Chanson de Roland*.<sup>34</sup>

O panorama temático muda a partir da tomada da cidade pelo exército de Maomé II, em 1453. O embate ideológico entre o cristianismo ocidental e o oriental dá-se por superado quando um inimigo maior se apresenta ao cenário político: os muçulmanos. É, por excelência, a clássica oposição entre “fiéis e infiéis” de que se servirão os romances de cavalaria ibéricos que despontam depois da metade do século XV<sup>35</sup>. No *Palmeirim*, por exemplo, há um sentimento de união muito forte entre os príncipes e reis cristãos, independentemente das fronteiras religiosas (católico-ortodoxo) que estariam presentes de fato no mundo real, são todos cristãos em defesa de um império cristão, cujo supremo chefe é o imperador bizantino. “Dar a cidade não quererá

---

<sup>32</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. Op. cit., p. 173;

<sup>33</sup> Ibidem p. 174;

<sup>34</sup> Ibidem pp. 176-177;

<sup>35</sup> Ibidem p. 184.

Deus; que não é bem que, onde se Ele celebra tantas vezes, se entregue a imigos<sup>36</sup> de Sua fé pera que, com outros desonestos sacrifícios, seu templo seja maculado.”<sup>37</sup>

A cidade histórica se transforma em um espaço mítico a partir da visão do autor e da tradição do imaginário em relação a esse *topos*, apropriando-se de todas as imagens do passado bizantino, como cidade soberana, inexpugnável, cheia de riquezas e poderosa, construindo literariamente uma capital que não era compatível com a realidade do século XVI, de cidade subjugada e agora islâmica.<sup>38</sup>

Essa mudança de paradigma igualmente deve muito à grande produção de livros e relatos de viagens na expansionista Península Ibérica do fim da Idade Média. Segundo Picchio, a transformação da cidade em mito pelas mãos dos autores quinhentistas perpassa uma ânsia pela recuperação do espírito do maravilhoso oriental e da cultura daquelas regiões do mundo.<sup>39</sup>

É notável observar que, graças aos séculos de convivência entre muçulmanos e cristãos na península, o modo de tratamento com relação ao povo turco é muito menos maniqueísta e mais compreensivo.<sup>40</sup> Os muçulmanos com certeza representam os inimigos supremos da cristandade, no entanto, nada disso impede os autores, Moraes incluído, de delinearlos utilizando-se de motivações complexas e, de certa maneira, mostrando personagens mais realistas, ao invés de “infiéis assassinos vindos para aniquilar”. Tal aspecto da obra valeria um trabalho por si só, porém aqui destaco o trecho a seguir como mais um exemplo da evolução da complexidade dos temas nesses romances, no qual o chefe da hoste turca, Albaizar, lembra-se de sua amada no meio da batalha derradeira contra o exército cristão: “Então trazia Albaizar à memória o conselho de Targiana, a saudade com que apartara dele e, misturada com a que agora levava dela, sentia grave pena dentro em si; que o amor, onde é grande, traz estes acidentes consigo.”<sup>41</sup>

---

<sup>36</sup> Inimigos;

<sup>37</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 620;

<sup>38</sup> ROMERO TABARES, Isabel. *Constantinopla como espacio mítico-fantástico en la saga de los Amadises*. León: Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2007, p. 1006;

<sup>39</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. Op. cit., pp. 185-186;

<sup>40</sup> Ibidem, p. 186;

<sup>41</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 672.

A compreensão das nuances em relação à representação da Constantinopla literária e de como ela evolui é essencial para estabelecer as bases para o estudo da cidade no *Palmeirim de Inglaterra*, que se verá a seguir.

### **2.3. A corte de Constantinopla no *Palmeirim de Inglaterra***

Tendo abordado ao longo deste trabalho o papel histórico dos livros de cavalaria, as linhas gerais da trama e o histórico do tema bizantino, finalmente veremos como essas questões se desenvolvem propriamente no *Palmeirim de Inglaterra*, o qual, adianto, tem certos contornos singulares em relação à abordagem mais recorrente desse tipo de literatura, vista no capítulo anterior.

#### **2.3.1. Uma corte cavaleiresca**

Os tronos de Artur e de Constantino são os lugares de corte mais presentes na obra, e são casa para os gêmeos de D. Duardos e Flérída, separados na infância. É ao redor de Constantinopla, no entanto, que todos os personagens da trama gravitam. Palmeirim, no começo da história, já muito querido na corte, é armado cavaleiro juntamente a todos os donzéis da corte e um grande torneio é realizado por ordem do imperador, que há muito não via motivos para a celebração cavaleiresca: “[...] ordenaram cada falsos suntuosos e grandes no campo onde o torneio havia de ser, cousa que então era assaz nova pelo muito tempo que havia que o não fizeram e porque as outras festas passadas estavam já de todo esquecidas.”<sup>42</sup>

Contrariamente à narrativa paradigmática desses grandes protagonistas dos romances de cavalaria, *Palmeirim de Inglaterra* não é o típico cavaleiro ocidental (geralmente seguindo um modelo francês)<sup>43</sup> que chega a Constantinopla bem formado e pronto para auxiliar a cidade, mas sim se desenvolve a partir dela.

---

<sup>42</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 106;

<sup>43</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. Op. cit., 173.

Por conta da captura de D. Duardos, dezenas de príncipes e cavaleiros saem da corte para salvá-lo, muitos sumindo ou sendo capturados pelo caminho. Nesse sentido, nosso protagonista, como se viu, mesmo antes de ser revelado neto do imperador, traz a renovação e a alegria de volta à cidade, que, a partir dessa sagração coletiva de novos guerreiros, torna a obter justamente aquilo que perdera: cavaleiros e, por extensão, a cavalaria.

Durante o torneio, a atmosfera de Constantinopla e da corte muda completamente, sendo transmitida uma euforia sem tamanho, que se verá no trecho, onde se percebe a cavalaria e seus rituais (sagração, torneio) como elementos de alegria e de glória para as pessoas:

Pois a Imperatriz e Gridônia, ainda que nelas era sempre presente a tristeza que a perda de Primaleão lhes fazia, estavam tão contentes de ver as cavalarias de seus filhos, que todo o al<sup>44</sup> esqueceram, cuidando que com eles poderiam tornar à alegria passada, de que viviam desesperadas.<sup>45</sup>

A atmosfera de tristeza em que vive a cidade desde o início da obra é construída aos poucos, e, além da ausência de cavaleiros, a ameaça do exército turco que ronda a cidade transforma a tristeza em medo e apreensão. O imperador ouve as novas sobre o avanço do exército turco: “E informando-se de um homem, soube ser aquele que mandava consertar os muros, porque já nestes dias se começava a soar que o Soldão<sup>46</sup> de Babilônia e Pérsia juntavam grande exército para vir sobre ele e destruir todo o império de Grécia.”<sup>47</sup>

Em referência à situação da cidade, diz o Imperador Palmeirim a Argolante, acerca das defesas dos muros:

- Por aqui vereis, Argolante, a que extremo de necessidade é chegada a triste Constantinopla! Que cuidando eu, se os inimigos viessem a ela, mandar-lhe derrubar os muros por onde entrassem, agora está tão só dos outros valedores, tão cheia de temor e medo, que os mando fortalecer, esperando ter neles alguma defesa que doutras partes já não espero.<sup>48</sup>

O livro prepara os leitores a todo o momento para a vinda dos inimigos, deixando-nos, portanto, alertas para a iminência de um desembarque das frotas

---

<sup>44</sup> Outra coisa, o resto;

<sup>45</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 109;

<sup>46</sup> Sultão;

<sup>47</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 203;

<sup>48</sup> Ibidem p. 203.



adversárias, que eventualmente ocorrerá ao final. Tais inseguranças com relação à movimentação das forças turcas são igualmente uma preocupação do presente histórico, e reverberam pelos romances de cavalaria desse período.

Em relação ao autor, Francisco de Moraes, e a sua proximidade com a temática, especula-se<sup>49</sup> que este tenha recebido seu título de cavaleiro fidalgo devido a missões no Oriente. De qualquer maneira, por sua própria história de corte e de viagens internacionais (como diplomata) é seguro afirmar que o autor estava atento às perspectivas do avanço da dominação turca a oriente, fato que se constata mais ainda numa carta que escreve a Fernão de Álvares em 1542, no trecho: “se cre que o Turco virá este ano, com grogíssima armada, que por aqui dizem que tem feita em Constantinopla.”<sup>50</sup> A carta inclusive menciona outras movimentações de guerra por parte do rei da França, Francisco I. A carta foi redigida no período em que, crê-se, estava sendo escrito, na corte francesa, o próprio *Palmeirim*, cuja primeira edição é dos inícios dos 1540. Como referencia Hilário Franco Júnior, o pano de fundo concreto em que todas as obras literárias são produzidas é determinante, assim como a inventividade do autor, para a sua composição.<sup>51</sup>

A reativação da cavalaria, de que fala Fernanda Olival, ocorria justamente por meio da leitura desses profícuos textos.<sup>52</sup> Reativação, como já se abordou, muito necessária para a angariação de tropas de maior qualidade para a defesa das fronteiras europeias, e pela qual se reforça o caráter pedagógico e o papel social desses escritos. O que se propagava era a suprema importância da cavalaria como a única e melhor barreira que teria condições de impedir o avanço dos inimigos, seja na ficção, seja na realidade, portanto um exército de cavaleiros bem armados era suficiente para afirmar perante os olhares estrangeiros o poderio de uma cidade. A sua falta justamente transmite uma imagem de desamparo aos olhos estrangeiros, como relata um mensageiro ao imperador: “[...] o Soldão de Babilônia e todo seu estado, ajudas de

---

<sup>49</sup> MONGELLI, Lênia Márcia; FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia; MAUÉS, Francisco. *Informações biográficas*. In: MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 15;

<sup>50</sup> ALPALHÃO, Margarida. *Um texto desconhecido de Francisco de Moraes? Uma carta a Fernão de Álvares*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais FCSH-UNL, 2007, p. 9;

<sup>51</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. cit., p. 18;

<sup>52</sup> OLIVAL, Fernanda. Op. cit., p. 191.

parentes e aliados, vinham sobre vosso império com tenção de o levar nas mãos, crendo que o poderia fazer pela falta de cavaleiros que em vossa casa havia.”<sup>53</sup>

Por todo o livro, a corte grega funciona como um foco “internacional” de encontros e reuniões entre os nobres europeus “[...] naqueles dias todos residiam em Constantinopla.”<sup>54</sup>, um local para o qual se dirigem em tempos de necessidade e onde, durante o torneio em que se sagrou Palmeirim, armam-se cavaleiros guerreiros de Lacedemônia, Hungria, Borgonha, Alemanha, Normandia e outros, remetendo ao prestígio que era, no medievo, a sagração vinda do próprio *basiléus*.<sup>55</sup>

Além de parentes, em algum grau, da família imperial grega, os membros da nobreza prestavam vassalagem direta para o imperador no *Palmeirim*, estabelecendo definitivamente um contraponto em relação à recorrente querela ocidente católico/oriente ortodoxo que era comum às narrativas cavaleirescas anteriores à tomada de Constantinopla<sup>56</sup>, nas quais o governante do Sacro Império era a maior autoridade política do continente. Como exemplo do espírito de resgate da soberania perdida do bastião oriental da cristandade, o imperador bizantino é reverenciado e muito respeitado por aqueles que são seus vassalos, como quando os recebe para um grande encontro logo antes da batalha final: “E para ele parecia a honra deste dia o maior triunfo que nunca alcançara, que se via venerado tão altamente dos maiores príncipes do mundo, e acatado e cerimoniado deles como senhor natural.”<sup>57</sup>

### 2.3.2. O bastião da cristandade

Quando os turcos são vistos aportando em Constantinopla e desembarcando suas forças maciças diante dos portões, praticamente todos os personagens, dentre cavaleiros, príncipes, damas, gigantes, reis e rainhas, estão na cidade em resposta à extrema necessidade do imperador Palmeirim.

---

<sup>53</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 224;

<sup>54</sup> Ibidem p. 616;

<sup>55</sup> Ver página 21;

<sup>56</sup> Ver página 21;

<sup>57</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 593.

A poucos dias da batalha, em razão da reunião de tantos nobres na cidade, o imperador promove uma gigantesca celebração de casamento para vários casais que haviam se formado ao longo da trama. Em seguida foi convertido de fato ao cristianismo pelo arcebispo de Constantinopla “patriarca de todo o império, pessoa de muita autoridade, guarnecido de letras e virtude”<sup>58</sup> o Soldão Belagriz, um turco que tomou o partido dos cristãos. Belagriz verdadeiramente se importa com a defesa da cidade e com a causa cristã, tendo se mostrado um aliado relevante, principalmente no que tange ao recebimento de informações valiosas acerca dos movimentos de Albaizar (o trecho é de antes de sua conversão):

Ao outro dia vieram novas ao Imperador pera lhe dar em que cuidar, que os feros de Albaizar pareciam já verdade; porque com cartas, núncios e recados tinha tingida toda a mourisma. E isto se soube por um embaixador do Soldão Belagriz, que também foi cometido pera isso, o qual não somente enjeitou tal empresa, mas antes usando de sua verdadeira amizade se fazia prestes pera o socorro de Constantinopla; que bem via que sua afronta seria tamanha, que toda ajuda lhe seria necessária.<sup>59</sup>

Belagriz pode ser considerado um dos exemplos daquilo que Picchio denomina “maurofilia”<sup>60</sup> em certos livros de cavalaria do XVI, a delineação de motivações de maneira mais complexa em relação à construção de personagens tidos como infiéis, mas que aqui vale a pena ressaltar. Não apenas para os cristãos e seus aliados a cidade é crucial: “Albaizar, a quem também a destruição de Constantinopla punha medo, [...]”<sup>61</sup>. Constantinopla era um dos centros comerciais e culturais mais relevantes do mundo conhecido, porta de entrada de produtos corriqueiros e exóticos, vindos de regiões remotas e de portos conhecidos,<sup>62</sup> portanto é evidente imaginar o desejo de posse sobre tamanha riqueza que impele o comandante dos turcos.

Para que a causa justa dos cristãos prevaleça sobre tamanha ambição, absolutamente todos os habitantes da cidade auxiliavam a prepará-la para o cerco iminente:

O alvoroço era tão geral, que nenhuma pessoa estava sem ele: uns concertavam armas, outros sobrevivistas e galantarias, cada um segundo sua idade ou a condição lho pedia [...] Quanto mais a fama do

<sup>58</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 599;

<sup>59</sup> Ibidem p. 527;

<sup>60</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. Op. cit., p. 186.

<sup>61</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 665;

<sup>62</sup> TABARES, Isabel Romero. Op. cit., p. 1008.

grandíssimo ajuntamento de imigos soava, tanto mais diligência faziam em todas partes pera o socorro dela.<sup>63</sup>

O engajamento geral é notável e, sobretudo, os numerosos cavaleiros que povoam a cidade em sua defesa são motivo de alívio para o imperador Palmeirim, que também vai às ruas para inspecionar as obras e “fazer perder o medo aos que o então tinham.”<sup>64</sup> É justamente o espírito cavaleiresco que permite aos sitiados virar os rumos da batalha; a cavalaria dá aos combatentes confiança e valor e impressiona até mesmo os turcos quando adentram a cidade para um combate de doze contra doze: “Antre os turcos, aqueles em quem o amor tinha pequeno quinhão, vendo a cavalaria daquela casa, julgavam-na por cima de tôdalas do mundo.”

Constantinopla inspira seus habitantes e guerreiros por conta de seu *status* milenar de poderio político, militar e religioso, além de já ter resistido por diversas outras vezes no passado: “[...] assi como já outras frotas à vista dos muros de Constantinopla foram destruídas.”<sup>65</sup>

A batalha é dura e penosa; ao final, muitos nobres, incluindo o imperador, perecem, legando à nova geração de príncipes cavaleiros as responsabilidades de defesa do mundo cristão. Mais uma vez afastando-se do estilo clássico, não é Palmeirim de Inglaterra o herdeiro do trono grego, mas seu tio, Primaleão. O saldo da vitória não de todo alegre, “Acabada esta desventura do vencimento, de que nenhuma das partes teve muito de que se gloriar [...]”<sup>66</sup>, a destruição foi colossal e as perdas humanas tiraram ainda mais o gosto pela derrota dos turcos.

Entretanto, longe de se apresentar como uma crítica ferrenha às guerras contra os supostos infiéis, apesar da mudança de uma abordagem simplista em relação aos adversários, o tom presente nos derradeiros capítulos da obra é de reconstrução e reerguimento:

[...] e com grande vigilância tornassem a refazer a cidade; não tanto com receio de imigos, como por parecer que a Fortuna não fora de todo poderosa de desfazer e consumir o nome de Constantinopla, como já fizera a outras cidades famosas em tempo passado, do que agora não havia memória.<sup>67</sup>

<sup>63</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 616;

<sup>64</sup> Ibidem p. 617;

<sup>65</sup> Ibidem p. 620;

<sup>66</sup> Ibidem p. 675.

<sup>67</sup> Ibidem p. 678.

É inquietante perceber que, na realidade, à época da circulação do *Palmeirim de Inglaterra*, Constantinopla se encaixava justamente nessa condição de cidade famosa que foi tirada do domínio dos cristãos e cuja memória, de certa forma, lhes fora tomada pelos turcos um século antes. De forma reversa, o que se apresenta para os leitores é o potencial dos inimigos contemporâneos a eles, que se mostram ameaçadores na bacia do Mediterrâneo do XVI.

## Considerações finais

Ao término desta pesquisa, ficou evidente o duplo papel social que livros de cavalaria, como o *Palmeirim de Inglaterra*, desempenhavam no alvorecer do século XVI: além de proporcionar entretenimento para seus leitores e apresentar um bom enredo em termos literários, tais obras correspondiam ao estilo literário e à demanda social dos quais interesses monárquicos militaristas se apropriavam para tentar promover a cavalaria e as defesas dos reinos.

Herdeiro da rica tradição ibérica dos romances de cavalaria, o *Palmeirim de Inglaterra* deu continuidade ao gênero ao mesmo tempo em que lhe acrescentou facetas novas, tendo em conta o seu enorme sucesso pela Europa Ocidental. Ao estudá-lo a fundo em seu contexto, vimos como as temáticas literárias e históricas se prolongam na literatura, já que desde o *El cantar del mio Cid* escrevia-se sobre os embates contra os muçulmanos na península.

Permeada, como se discutiu, tanto pelo imaginário quinentista, quanto pela herança de longa duração que envolvia a cidade, Constantinopla representa na obra de Moraes o auge da civilização cristã e de seus ideais. O símbolo concreto que fora subjugado em 1453 ainda vivia por meio de narrativas como essa, que colaboravam para a propagação de um espírito de resgate do passado “grandioso” da sociedade medieval cavaleiresca.

Na narrativa de Moraes, a temática bizantina domina o enredo e influencia os personagens do início ao fim, elevando ao *status* de sede da religião cristã uma das cidades mais orientais da Europa. Não se deve, entretanto, depreender disso que sua obra e outros livros que traziam a mesma abordagem fossem parte propagandística de um grande plano deliberado para a retomada de Constantinopla das mãos dos otomanos. Os processos na história são mais complexos que isso.

Como dito, as estruturas mentais em relação à memória ligada à cidade e ao poderio da cristandade em forma literária tornam-se mais claras quando analisamos o contexto de produção do *Palmeirim de Inglaterra* e a biografia de seu autor junto ao texto final. A escolha de uma fonte como esse célebre romance de cavalaria permitiu denotar a riqueza que um exemplar da “literatura comercial” da época, que, ao contrário

do que uma parcela de seus contemporâneos acreditava, tem inúmeros méritos, rompe as barreiras temporais e ainda pode ter coisas a nos dizer sobre o século XVI.

A batalha final que consumiu tanto cristãos quanto muçulmanos deixou marcas profundas na cristandade, mas, dentro do romance, foi absolutamente necessária para garantir a sobrevivência da sua civilização. O capítulo final apresenta ao leitor, por meio da proposta do sábio Daliarte, a criação de um sentimento de união mais íntimo a ser propagado entre os príncipes cristãos e seus próprios reinos: todos os filhos dos príncipes seriam educados juntos pelo próprio Daliarte, para que pudessem cultivar as mesmas virtudes e estabelecer uma amizade duradoura.<sup>68</sup>

É com essa mensagem de unidade necessária que deixamos nossos personagens (não pela última vez, pois o Ciclo dos Palmeirins continuará até o século XVII) e o imperador recém elevado ao trono, Primaleão, figura que ficará responsável pela reconstrução de Constantinopla e pela tentativa de restituição às suas glórias de outrora, que de fato não retornarão, deverá povoá-la, como seria natural, com um corpo cavaleiresco.

Primaleão o teve maior em refazer Constantinopla. Foi recebido de seus vassallos como se fora vindo do céu. Não consentiu, em sua entrada, festa nenhuma; mas andando o tempo, tornou a engrandecer a corte e encher-se de cavaleiros, estranhos e naturais, que quase remedava à do Imperador, seu pai.<sup>69</sup>

Francisco de Moraes certamente foi uma voz relevante para que as histórias de cavalaria, que tanto divertiam e instruíam, continuassem mais vivas do que nunca em meio a uma Europa Ocidental humanista cujos intelectuais não se afeiçoavam ao gênero, elaborando com maestria a narração de feitos heroicos fantásticos, que no fim das contas contribuiu para reavivar na mente das gentes a grandeza do que se havia perdido.

[...] animando-os com palavras alegres acompanhadas de esforço e singular confiança, nomeando a cada um suas obras, em especial aqueles que as tinham tais de que se devesse fazer lembrança, pera os incitar a maiores feitos; aos que não sabia nenhuma, lá lhe buscava palavras com que lhe acrescentava o ânimo, como mestre daquele ofício.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> MORAES, Francisco de. Op. cit., p. 682;

<sup>69</sup> Ibidem p. 683;

<sup>70</sup> Ibidem p. 647.

## Fonte primária e bibliografia

### Fonte primária

MORAES, Francisco de. *Palmeirim de Inglaterra*. Cotia: Ateliê Editorial/Editora da Unicamp, 2016.

### Bibliografia

ALPALHÃO, Margarida. *O Amor nos Livros de Cavalaria – O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: Edição e Estudo*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/10544>, acesso em 2/04/2018;

\_\_\_\_\_. *Palmeirim de Inglaterra: herói modelar ou modelado?*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11535.pdf>, acesso em 2/04/2018;

\_\_\_\_\_. *Um texto desconhecido de Francisco de Moraes? Uma carta a Fernão de Álvares*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais FCSH-UNL, 2007. Disponível em [https://www.academia.edu/27797403/Um\\_texto\\_desconhecido\\_de\\_Francisco\\_de\\_Moraes\\_-\\_uma\\_carta\\_a\\_Fern%C3%A3o\\_de\\_%C3%81lvares.pdf](https://www.academia.edu/27797403/Um_texto_desconhecido_de_Francisco_de_Moraes_-_uma_carta_a_Fern%C3%A3o_de_%C3%81lvares.pdf), acesso em 1/04/2018;

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cosac Naify, 2015;

DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989;

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 2010;

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2013;

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994;

MATTOSO, José. *Investigação histórica e interpretação de textos medievais*. In Revista Ler História, vol. 11, 1987;

MENDES, Odorico. *Opúsculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor*. Lisboa: Tipographia do panorama, 1860;



MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). “E fizeram taes maravilhas...”: *Histórias de cavaleiros e cavalarias*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012;

PICCHIO, Luciana Stegagno. *A lição do texto. Filologia e literatura – Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1979;

PURSER, William Edward. *Palmerin of England: Some Remarks on This Romance and of the Controversy Concerning Its Authorship*. Dublin: Browne and Nolan Limited, 1904;

ROMERO TABARES, Isabel. *Constantinopla como espacio mítico-fantástico en la saga de los Amadises*. León: Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2007. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5699926>, acesso em 26/03/2018;

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio. *O heroísmo cavaleiresco dos séculos XV-XVII*. In. Revista Signum, 2013, vol. 14, nº 2. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=490664](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=490664), acesso em 17/03/2018;

\_\_\_\_\_. *Os livros de cavalarias renascentistas nas histórias da literatura portuguesa*. Península - Revista de Estudos Ibéricos, 2006, n.º 3;

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.